

CLOSING TIME

Closing Time (1974) é uma obra ainda inédita em língua portuguesa que aborda conjuntamente a *Scienza Nuova* (1725,1730,1744) de Giambattista Vico (1668-1744) e *Finnegans Wake* (1939) de James Joyce (1882-1941). Trata-se de uma seleção e organização de fragmentos de Vico e Joyce dispostos poeticamente por Norman Oliver Brown (1913-2002)¹. O livro de Brown é vanguardista tanto no seu tema como na sua metodologia que precedeu a coletânea de estudos *Vico and Joyce* (1987) organizada por Donald Phillip Verene. Também chama atenção a escolha das obras. A *Ciência Nova* (1744) de Vico contém uma teoria que explica o movimento espiralar da história no seu ciclo de *idade dos deuses*, *idade dos heróis* e *idade dos homens*². O livro de Joyce consiste numa narrativa que promove um uso excepcionalmente poético da linguagem e conta a história de um pedreiro que morre ao cair de uma escada e ressuscita no seu próprio velório³.

Ao se valer de obras tão distintas, Brown faz uma mediação de fragmentos que se espelham e se complementam, promovendo uma dialética *imediata* entre os autores. *Imediata*, porque a sua justificativa são as conexões estabelecidas sem um elo discursivo explícito. A mediação em Brown reside no instantâneo da sensibilidade, da fruição de uma ordem que é um produto da sua própria racionalidade enquanto mediador, mas que se apresenta como *revelação*, *descoberta*. *Closing Time* não fornece dados sobre o seu procedimento e lança o leitor no seu mosaico sem maiores explicações.

O elemento que caracteriza o texto é a ausência do seu autor, que utiliza poucas indicações para relacionar os fragmentos que apresenta. Por isso, é difícil compreender a motivação que fez com que Brown adotasse tal procedimento.

Tais indicações são dispersas e parece que o único propósito que cumprem é o de estabelecer a mediação sem maiores *intervenções*. Mas é possível perceber que existe uma

¹ Professor norte-americano de *humanidades* cuja produção de orientação marxista-freudiana recebeu certa notoriedade pelo senso poético de sua escrita (Martin, 2002)

² Que no entender de Vico consiste na “a idade dos deuses, na qual os homens gentios acreditaram viver sob governos divinos [...] a idade dos heróis, na qual por todo o lado esses reinaram em repúblicas aristocráticas, devido a uma certa diferença de natureza por eles reputada superior àquela dos seus plebeus; - e, finalmente, a idade dos homens, na qual todos se reconheceram serem iguais em natureza humana (Vico, 2005, p.35)

³ Na tradução de Donaldo Schüler: “O coco pesava, a cuia tremia 9 na cachaça. (Havia - por que não? - um muro em ereção) Dim!... Rolou pela escada. Dom! Qual múmia caiu duro. Dum! Mastabatoom, mastabatomm. Depois do casório vem o velório. Pra todomundo ver. Par tido? Eu o teria dito! Macool, Macool, porra, por quiski cê murreu?” (Joyce, 2004, p. 37).

lógica que opera na escolha dos fragmentos que serve como argumentação. O elemento do *retorno* que se apresenta em ambas, é a noção chave que estabelece essa união: a origem torna-se ponto de chegada e ponto de partida. Dispostos de maneira interpenetrada, os fragmentos de um ensejam os do outro de maneira recíproca, Brown joga com os elementos de distinção de seus autores para torná-los *indistintos*, iguais.

No prefácio, Brown afirma que o seu objetivo consiste em “try to stuff Finnegans Wake into Vico’s New Science” (Brown, 1973, p.xii)⁴. A sua expressão carrega consigo um sentido *corpóreo*, enfiar um livro dentro de outro como se fossem dois organismos que se unem no momento da cópula. O primeiro capítulo, *The Delineaments of Giants* estabelece uma relação entre a autobiografia de Vico e o livro de Joyce: “Vico’s life, as in Finnegans Wake. First we fall: *The great fall of the offwall entailed at such short notice the pftjschute of Finnegan*” (Brown, 1973, p.10). A queda de Vico e de Finnegans são apenas paradigmas da queda do paraíso que inaugura a humanidade segundo a narrativa bíblica.

O segundo capítulo *The New Science of History* apresenta a proposta viquiana da origem, desenvolvimento e decadência da humanidade em conformidade com os princípios da *Scienza Nuova*. As aproximações com Joyce continuam, mas com a presença repentina de outros fragmentos que no entender de Brown, repercutem a voz dos autores: Engels, Spengler, Freud, Marx e o próprio Brown, para citar alguns. A constelação de fragmentos se torna mais complexa para mostrar que a teoria viquiana do *corso e ricorso* é a *ordem* que está presente na enigmática obra de Joyce.

O terceiro capítulo, *An Interlude of Farce*, é a parte mais poética do livro e seu ator principal é Joyce. Ele demonstra a relação espaço-temporal que se apresenta na ideia de transição, revelando pontos de intersecção entre a política e a religião como experiências humanas, assim sendo, expressões da *historicidade humana*. A quantidade de fragmentos se divide em partículas cada vez menores para abordar a formulação de Marx de que a história primeiro acontece como *tragédia* e depois como *farsa*⁵. Brown vê na barbárie o remédio da própria civilização para se purificar numa nova origem, expurgando a *farsa* que se encontra nos

⁴ O Vico que protagoniza o livro de Brown é aquele traduzido em língua inglesa por Bergin e Max (1948). As citações permanecem sem tradução sem prejuízo ao leitor já que a presente resenha não deixa de explicá-las. Ademais, preservar no original as poucas intervenções de Brown são um modo de transmitir o seu estilo ao leitor.

⁵ Aqui Marx está tratando do golpe de Estado que Luís Bonaparte em 1851 que busca mimetizar o golpe de Napoleão Bonaparte em 1799. Na íntegra, a célebre passagem versa o seguinte: “Em alguma passagem de suas obras, Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa” (Marx, 2011, p.25).

Estados decadentes:

God does not speak good English.
Not Atticism but solecism.
Barbarism (Brown, 1973, p.63).

O quarto capítulo *The New Science of Origins* consiste num retorno às origens da linguagem e com ela, o retorno de uma determinada forma de compreensão da realidade em que o homem redescobre a virulência criadora da fantasia e do mito. O começo da humanidade é poético pois a lógica da metáfora está presente na origem dionisíaca da civilização (Brown, 1973, p.74). Vico e Joyce aparecem rebarbarizados, perdidos na sublime errância poética dos homens originários. No quinto capítulo, *The New Science of Language* apresenta fragmentos que sintetizam as ideias filológicas de Vico na *Scienza Nuova*, tratando da sua relação com a história. Em sua relação com Joyce, Brown retira as etimologias viquianas de sua atmosfera de ingenuidade, transformando-as na tentativa do ser humano reencontrar seu passado esquecido, mas que pode ser rememorado nas partículas das palavras. Para tanto, é preciso se apropriar de outra forma de racionalidade, que não é a prosa rationalizada dos filósofos, mas criação poéticas de inspiração natural e divina do povo: a linguagem é a poesia fossilizada (Brown, 1973, p.97). O arranjo dos textos de Vico e Joyce empreendidos por Brown defendem a concepção viquiana de que a poesia não é um uso excepcional da linguagem, mas o seu uso comum: Homero não foi o grande poeta entre os gregos, Homero é a própria síntese do povo grego (Brown, 1973, p.107).

Em resumo, é possível notar uma orientação existencial e psicanalítica na organização de fragmentos de Brown, que emprega a *Scienza Nuova* e *Finnegans Wake* para traçar uma analogia entre a recorrência da vida dos indivíduos e a história da humanidade. As analogias que Brown estabelece são metáforas da poesia como forma originária de linguagem, que revela o senso comum da humanidade porque ela é a experiência que perfaz e perpassa as demais. Trata-se de um livro que apresenta a um só tempo o potencial teórico da obra de Joyce e a dimensão poética da prosa de Vico. Se nos é permitido afirmar um juízo mais pessoal da obra de Brown, pode-se notar que a sua leitura provoca um fenômeno interessante. Surge na mente do leitor a argumentação muda de Brown que preenche as lacunas entre os fragmentos, que rejeita a posição tradicional do autor para que Vico e Joyce tenham voz ativa, sem paráfrases e súmulas comuns aos textos acadêmicos. Por esse motivo, o livro de Brown pode ser de mais valia para escritores do que para filósofos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Norman Oliver. **Closing Time**. Vintage Books, New York: 1973.

Norman O. Brown Dies; Playful Philosopher Was 89. Martin Douglas. 2002. **The New York Times**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2002/10/04/arts/norman-o-brown-dies-playful-philosopher-was-89.html>

JOYCE, James. **Finnegans Wake/ Finnickius Revém**. 2ed. Trad.br. Donaldo SCHÜLER. Ateliê Editorial: São Paulo, 2004.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. Trad.br Nélio Schneider. Boitempo: São Paulo, 2011.

VICO, Giambattista. **Ciência Nova (1744)**. Trad. Port. Jorge Vaz de Carvalho. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2005.

VICO, Giambattista. **The New Science of Giambattista Vico**. Trad. Eng. BERGIN, Thomas Goddard; FISCH, Max Harold. Cornell University Press: New York, 1948.